

Ponderações nietzschianas sobre a filosofia nascente de Tales de Mileto

Bruno Camilo de Oliveira¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é apresentar as ponderações de Nietzsche sobre a filosofia nascente de Tales de Mileto com base em trechos selecionados dos ensaios nietzschianos do período da juventude intitulados *A filosofia na época trágica dos gregos* e *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, da obra do período de transição *A gaia ciência*, assim como da obra do período mais tardio de sua vida intitulada *Genealogia da moral, uma polêmica*. Os trechos são suficientes para enfatizar o “erro” presente na hipótese da água e as implicações da “intuição filosófica” de Tales para a representação da *phýsis*. Nietzsche pondera que a contemplação de Tales foi movida por uma crença ilógica, fantasiosa e indemonstrável, que encontramos em todos os filósofos, de que é possível acessar a realidade objetiva pelo “conhecimento”. Pondera ainda que o “filosofar indemonstrável” de Tales tem ainda o seu valor em pretender ser em todo caso não místico e não alegórico. Essas ponderações de Nietzsche sobre o filosofar de Tales servem neste trabalho para consolidar a perspectiva nietzschiana de que o conhecimento em suas formas de representar a “vida”, desde Tales, é movido pela crença ilógica na “verdade”, não na “aparência”.

PALAVRAS-CHAVE: Verdade. Tales de Mileto. Aparência. Intuição filosófica. *Phýsis*.

INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche (1844-1900) considerou o pensamento dos filósofos pré-socráticos ou aqueles que se ocuparam em estudar a *phýsis*² (totalidade) já nos seus escritos do período da juventude. O objetivo de Nietzsche foi mostrar o erro dos pré-socráticos e de toda a filosofia subsequente em acreditar em uma “verdade” e na possibilidade do “conhecimento”. Para filósofos idealistas como Nietzsche somente existe representação do mundo por meio de um enunciado que sempre é particular, pois os seres humanos não possuem aparatos biológicos para se apropriar da realidade. Porém, se no que diz respeito ao acesso à realidade não é possível, para Nietzsche, falar em conhecimento, é possível falar em uma teoria da aparência conscientemente intencionada (*bewusst gewollte Schein*). O objetivo deste artigo é considerar as ponderações nietzschianas sobre a filosofia nascente de Tales de Mileto (624-546 a.C.) para, ao mesmo tempo, enfatizar a sua teoria da aparência conscientemente intencionada, de modo a deixar clara a sua posição acerca da impossibilidade do conhecimento e sobre a

1 Doutor em filosofia, docente da Universidade Federal Rural do Semi-árido, bruno.camilo@ufersa.edu.br.

2 É comum traduzir a expressão grega “*phýsis*” por “natureza”, como se para os gregos “*phýsis*” pudesse se referir à apenas o mundo objetivo e observável, entretanto devemos considerar que para os gregos *phýsis* não se refere apenas à natureza sensível, mas também ao espaço ou vazio, o tempo, os deuses, a alma, o princípio, enfim, tudo é *phýsis*, sendo, nesse sentido, a palavra “totalidade” mais adequada para traduzir o significado que os gregos consideravam.

influência da moral na *epistéme* (ciência, certeza) que se desenvolve em busca de uma “verdade”. Ao proceder dessa maneira é possível apresentar os subsídios que permitem considerar Nietzsche um filósofo relevante também para a epistemologia e filosofia da ciência, sobretudo para os debates em torno do papel da noção de verdade para a ciência e da representação em ciência.

São considerados para a análise a obra de 1872 e os textos de 1873 do período da sua juventude intitulados *O nascimento da tragédia no espírito da música* (NT),³ *A filosofia na idade trágica dos gregos* (FTG) e *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral* (VM), o texto escrito e publicado no período de transição, em 1882, intitulado *A gaia ciência* (GC) e o texto escrito e publicado no período mais tardio de sua vida, intitulado *Genealogia da moral, uma polêmica* (GM), em 1887.

1 PONDERAÇÕES DO PERÍODO DA JUVENTUDE

Nietzsche considerou a forma como os filósofos pré-socráticos representavam a *phýsis* para insistir em sua própria teoria da representação, a teoria da aparência conscientemente intencionada. A teoria nietzschiana sobre a representação do mundo com base na aparência foi inicialmente apresentada em seu primeiro livro de 1872, mas não de uma maneira clara e minuciosa, sendo o tema constantemente revivido nos seus escritos da juventude. Embora o texto escrito em 1873 sobre a filosofia nascente de Tales de Mileto, que compõe a obra FTG, tenha como objetivo geral apresentar a perspectiva nietzschiana sobre a forma como Tales inventou, por volta do século VII a.C., a *epistéme*, quando se propôs estudar a *phýsis* e concluir que “tudo é água”,⁴ esse texto também pode servir para apresentar alguns desses momentos de sua escrita em que o encontramos apresentando a sua perspectiva sobre a capacidade de representação nos humanos.

Em NT Nietzsche esteve convencido de que é preciso “ver a ciência através do artista” (NT Intro. 2), “pois toda a vida se fundamenta em aparência” (NT Intro. 5). O elogio ao artista ocorre na medida em que este utiliza a criatividade, de maneira consciente, para construir suas imagens falsas sobre o mundo. O artista constrói a partir de si mesmo uma representação do mundo conscientemente falsa, sendo essa consciência do artista que deve aparecer entre os cientistas e filósofos que também buscam construir suas representações sobre o mundo. Esse “desejo fervoroso à aparência, à redenção pela aparência” ou “desejo primitivo à

3 As citações de Nietzsche seguem o padrão internacional adotado para essas obras, sendo o sistema de chamada composto pela sigla da obra seguida pelo algarismo arábico que indica o parágrafo ou parte do livro. Em NT o termo “Intro.” serve para indicar trechos da introdução dessa obra, e é seguido pelo algarismo arábico para indicar o parágrafo. Em GM o algarismo romano indica a dissertação. As demais citações seguem o padrão autor-data.

4 A frase “tudo é água” é atribuída a Tales de Mileto por Aristóteles. Essa informação foi repassada nos anos seguintes pelos aristotélicos que acreditavam que ela inaugurou a filosofia na Grécia antiga. Não existe, porém, algum fragmento atribuído ao próprio Tales capaz de atestar a autoria da frase. Para mais informações sobre o pensamento de Tales e a expressão “tudo é água” ver o cap. 4 do Livro I da *Metafísica* de Aristóteles, os textos de Hegel e Nietzsche sobre Tales presentes no volume da Coleção Os pensadores dedicados aos pré-socráticos e o texto de Bruni (1993).

aparência" (NT 4) que é objeto de análise em NT é que o que torna possível falar em uma teoria nietzschiana da aparência conscientemente intencionada. Também é o que torna possível dizer que para Nietzsche o conhecimento é algo impossível.

Certamente Nietzsche não quer dizer com isso que a ciência ou "entendimento calculador" não tenha seu papel significativo de se manter no "enclavo" da filosofia para frear o seu impulso ao "além" (FTG 3). Até mesmo com Tales o "filosofar indemonstrável tem ainda um valor [...] fica ainda, sempre, depois de destruído o edifício científico, um resto; e precisamente nesse resto há uma força propulsora e como que a esperança de uma futura fecundidade" (FTG 3). Assim como qualquer tipo de *gnósi* (conhecimento), a *epistémé* também se desenvolveu em busca de uma "verdade" (VM 1) ou "essência" e "núcleo das coisas" (FTG 3). A aparência nunca foi o alvo do conhecimento. Aceitar o conhecimento é, pois, concordar que existe uma verdade, que se inacessível que ao menos possa servir de meta. Nietzsche, entretanto, está convencido que é o ser humano quem "dota" (FTG 3) a natureza de significados, que qualquer tipo de representação é, pois, necessariamente uma cópia falsa, uma "mentira" no sentido extra-moral (VM 1). É exatamente nesse sentido de dissimulação consciente, de invenção de imagens ou aceitação de cópias inféis, que Nietzsche valoriza a aparência na representação do mundo. É assim que os cientistas e filósofos devem ser "conscientes" da aparência, assim como o "artista" (FTG 3). O artista faz de conta que suas representações são verdadeiras, ele possui consciência de que o que tem a mostrar é tão somente a aparência. Ele deve, então, proceder de maneira intencional *como se* sua linguagem correspondesse ao mundo. Esse mesmo tipo de encenação também deve ser encontrado nas formas que o filósofo, cientista, religioso, moralista e qualquer outro que busque representar o mundo adote. Qualquer representação do mundo deve ser consciente e intencionada, como o resultado da criatividade artística, na medida em que representar significa o esforço para construir imagens "falsas" (FTG 3) ou "metáforas" (VM 2) sobre o mundo. Entretanto, o teórico, aquele que "busca ressoar em si mesmo o clangor total do mundo e, de si mesmo, expô-lo em conceitos" (FTG 3), apegado a tradição da razão, acredita de maneira exagerada no conhecimento, na verdade e no núcleo das coisas, e esquece o limite biológico que o separa do mundo.

Antes mesmo de Tales, a crença exagerada no conhecimento já ocorria em um outro tipo de patamar de *gnósi*, chamada de *empeiria* (experiência ou senso-comum). A *empeiria* é o conhecimento com base na experiência imediata, reproduzido de maneira oral de geração em geração, e que possui caráter dogmático, pois não admite a crítica. Esse tipo de conhecimento foi classificado pelos gregos em três tipos. Um deles é a *aísthesis* (sensação, observação sensível ou experiência imediata), o tipo de conhecimento mais comum e fácil, pois é construído com base nos sentidos. Um outro é a *dóxa* (opinião), que os gregos distinguiam em dois tipos: o *dokéo* (o decidir ou julgar segundo as regras de um grupo), como ocorre nas assembleias e nos debates políticos; e o *doxázo* (o adotar opiniões comumente admitidas), quando se acredita em narrativas comuns que são reproduzidas de maneira oral, sem qualquer rigor crítico. Um terceiro tipo de *empeiria* é a *pístis* (crença ou explicações com base na fé), que é dividida em *mýthos* (explicação mística ou religiosa sobre a realidade) e *tragodía* (culto teatral, depois religioso e político, que imita a vida da cidade). A *tragodía* é um tipo

diferente de *empeiria* pois se desenvolve não em busca de uma correspondência com os fatos ou a objetividade, mas em busca de uma correspondência com a vontade, que é o elemento fundamental da ontologia nietzschiana do período da juventude.⁵ As novas observações sobre os astros, clima, acontecimentos geológicos e outros fenômenos naturais estimularam entre os gregos a necessidade de crítica em relação aos discursos apresentados pela *empeiria* para representar a *phýsis*. Assim, contraposto ao tipo dogmático de *gnósi*, Tales se tornou um “mestre criador” (FTG 3) e inventou o conhecimento chamado pelos gregos de *epistéme*. Aliás, Tales inventou os três primeiros tipos de *epistéme*: a *physiología* (o *lógos* ou conhecimento racional sobre a *phýsis*); a *kosmología* (a *diánoia* ou conhecimento matemático sobre o *kósmos* ou ordem do céu); e a *philosophía* (a *theoría* ou contemplação filosófica sobre o *arkhé* ou princípio da *phýsis*).

Mas, embora distinto do dogmático e mítico, em Tales também o conhecimento se desenvolveu em busca de uma “verdade” (FTG 3). Quando ele disse que “tudo é água” ele acreditou ter encontrado o conhecimento último das coisas, a visão geral de que “tudo é um”. Porém, o máximo que Tales conseguiu em relação ao mundo foi apresentar uma imagem falsa, particular, humana. Tales não construiu nenhuma visão geral do tipo que interessa aos filósofos, mas apenas uma experiência que é sempre particular. Ao construir um enunciado geral sobre as coisas Tales ultrapassou o “limite” (FTG 3) de nossas capacidades biológicas para especular a existência de algo. O que o pensar filosófico conseguiu com Tales foi apenas tocar no “dorso” das coisas, pois embora seja “o único meio de comunicar o contemplado”, é ainda “um meio raquítico, no fundo uma transposição metafórica, totalmente infiel, em uma esfera e língua diferentes” (FTG 3).

Contraposto a esse tipo de otimismo em relação ao conhecimento, Nietzsche ponderou que o conhecimento não é possível, sendo a “verdade” uma crença “ilógica” e “fantasiosa” que move todo conhecimento (FTG 3). Tanto a *empeiria* (com a exceção das artes dionisíacas como a tragédia e o ditirambo) quanto a *epistéme* desconsideraram a aparência em suas formas de representação. Contudo, tanto a *empeiria* como a *epistéme* são formas de ficções, aproximações, simulações, imagens, simulacros, metáforas, mentiras, enfim, aparência, e somente assim poderíamos enxergar algum valor na teoria do conhecimento. Nesse sentido há muito de Kant em Nietzsche.⁶

É importante verificar que o “salto” (FTG 3) de Tales ocorreu mediante uma indução. De um ponto de vista lógico, a indução é o método que consiste em analisar casos particulares e semelhantes e em seguida construir uma visão geral sobre eles. O que impeliu Tales à hipótese geral da água foram exatamente as suas observações particulares sobre o mundo. Ele observou que a água se apresenta sob as mais variadas formas e estados da natureza (líquido,

5 Em 1873 Nietzsche seguiu a perspectiva de Arthur Schopenhauer (1788-1860) de que a vontade é o elemento fundamental da vida e, conseqüentemente, o elemento metafísico de toda forma de representação.

6 Para Kant o conhecimento da coisa em si não é possível, sendo o máximo que podemos fazer em relação aos objetos é pensar neles pelas analogias que fazemos com as experiências. Sobre as analogias da experiência em Kant ver Camilo (2023).

sólido e gasoso), e por isso pensou que a água seria a causa de todos os seres. Observou também que a água estava diretamente ligada à vida como um todo, já que a semente precisa da água para germinar, o cadáver se desidrata, o sêmen nos animais é líquido e há fertilidade na terra após a cheia do Nilo. Ainda fez observações sobre a existência de fósseis de animais marinhos nas montanhas e em grandes altitudes, acreditando, assim, que no início tudo estava coberto por água. Foram as observações particulares de Tales sobre o úmido que lhe permitiram o “salto” filosófico para o “além”, em busca da verdade, e “se para isso se serviu, sem dúvida, da ciência e do demonstrável, mas logo saltou por sobre eles, isso é igualmente um caráter típico da cabeça filosófica” (FTG 3). É preciso reconhecer que com a *epistême* Tales inventou a *epagogé* (indução), que séculos depois se desenvolverá como fundamento lógico da ciência moderna.⁷ É pela *epagogé* ou “intuição filosófica” que emerge o conceito em Tales, “mas o conceito de grandeza é mutável, tanto no domínio moral quanto no estético”, desse modo a *epistême* ainda “é, decerto, por um lado, o único meio de comunicar o contemplado, mas um meio raquítico, no fundo uma transposição metafórica, totalmente infiel, em uma esfera e língua diferentes” (FTG 3). Ou seja, o que Nietzsche rejeita não é a lógica indutiva em si, mas a falta de consciência dos cientistas, filósofos, investigadores, de que o resultado da indução nada mais é que uma imagem provável e falsa. O objeto da *epistême* foi, pois, a aparência, não a verdade, o que explica o elogio de Nietzsche ao artista (FREZZATTI JR., 2017; COSTA, 2021). Mas, de onde vem esse impulso à verdade? Essa questão relevante será melhor tratada por Nietzsche em seus escritos mais tardios.

2 AS PONDERAÇÕES CONFORME EM GC E GM

Em *GM* Nietzsche continuou interessado em diagnosticar o problema do conhecimento, mas desta vez com uma maior ênfase no que diz respeito a influência do ideal ascético na crença da verdade. Segundo Nietzsche, a filosofia se desenvolveu conforme “a crença no próprio ideal ascético, embora sob a forma de seu imperativo inconsciente” (*GM III*, 24). Não somente a filosofia, mas a ciência, já nascem como reprodutoras do *ideal ascético*. O “ideal ascético” é o meio encontrado pelos impotentes ou desprovidos de força física para se conservar (*GM I*, 6). Os fracos fazem uso da “inteligência” como “uma condição de existência” (*GM I*, 10), pois essa é a única ferramenta que dispõem contra a vitalidade física dos fortes. Por isso Nietzsche diz que os sacerdotes são “os mais terríveis inimigos”, pois eles são “os mais impotentes” (*GM I*, 7). É nesse sentido que o poder espiritual do sacerdote é o que gera e sustenta a “vontade de verdade” (*GM III*, 24).⁸ A crença num valor metafísico, num valor em si de verdade, é a consagração do ideal ascético.

A nossa fé na ciência repousa ainda numa crença metafísica – que também nós, que hoje buscamos o conhecimento, nós, ateus e anti-

7 A “ciência moderna” aqui se refere à ciência indutiva e dedutiva-experimental do século XVII, que é rejeitada por Nietzsche no século XIX e que serviu de base para a imagem de ciência no século XX.

8 Para um maior esclarecimento sobre a crítica nietzschiana à vontade de verdade, ver também o texto 51 do livro *Gaia ciência*, intitulado “Senso de verdade”, o texto 344 da mesma obra intitulado “Em que medida também nós ainda somos devotos”, e o livro V dessa mesma obra, intitulado “Nós, os impávidos”.

metafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina... (GC 344).

Em seus escritos do período de transição, como GC, Nietzsche rejeita a ciência moderna porque ela está influenciada por uma “fé milenar”, uma certa “crença metafísica” que move o filósofo em sua tentativa de representar o mundo. Com a influência do ideal ascético o filósofo, como Tales, realmente acredita poder estar no rastro de uma verdade. É, pois, em vista de uma fantasia ilógica que o filósofo é incentivado a crer que os seus aparatos biológicos são capazes de *conhecer* o princípio das coisas. Como todo tipo de *gnósi*, a filosofia já nasce como um impulso à verdade, e no lugar da consciência em relação a aparência, temos a “utilidade [...] esquecida” (GM 2) para conservar aqueles que são desprovidos de força física.

Assim é que o conhecimento foi utilizado “como um meio para a conservação do indivíduo”, sendo o conhecimento, e também a linguagem, moral e tudo que possui uma natureza espiritual, “o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos robustos, se conservam, aqueles aos quais está vedado travar uma luta pela existência com chifres ou presas aguçadas” (VM 1). Já nos escritos do período da juventude Nietzsche ressalta que a utilidade do conhecimento ou intelecto humano foi a propagação do ideal acético, que o conhecimento “foi concedido apenas como meio auxiliar aos mais infelizes, delicados e perecíveis dos seres, para firmá-los um minuto na existência” (VM 1). Nos escritos mais tardios, Nietzsche desenvolve ainda mais essa ideia, enfatizando que a única arma que os impotentes dispõem contra os que possuem vitalidade física é o intelecto, daí que podem ser mais ardilosos, violentos, eficientes e enganadores. A “revolta dos escravos na moral: aquela rebelião que tem atrás de si dois mil anos de história, e que hoje perdemos de vista, porque foi vitoriosa...” (GM I, 7), inverteu os valores “bom” e “mau” para conservar uma espécie menos favorecida. É porque o outro é forte que o escravo acredita poder se tornar bom. Por isso a ação do escravo é essencialmente negadora porque “enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um ‘fora’, um ‘outro’, um ‘não-eu’ – e *este* Não é seu ato criador” (GM I, 10). É a partir do outro que o escravo se enxerga enquanto imagem e, dessa forma, pode conservar seu tipo de vida degenerada. Justamente por isso, a ação do escravo é na realidade uma reação porque desde o início sua ação é movida por uma potência externa, vinda de um outro, sua ação é fundamentalmente “reação” (negativa). O nobre não precisa do outro para ser quem é, ele apenas ver o outro como o diferente, em um sentido não moral. Segundo Nietzsche, após a bem-sucedida “inversão de valores”, foi a moral escrava que acabou predominando, sendo a filosofia e todas as instituições humanas meios para a reprodução do ideal ascético, sob sua forma mais velada. A utilidade do ideal ascético foi o que levou toda *epistème* à crença na existência de uma “verdade”. Pois perante uma verdade ou uma realidade universal e geral, todos são iguais. O problema não é da *epistème* em si, ou no caso de Tales, da indução, mas da maneira como ela serviu de propagação do ideal ascético, afim de cumprir a “utilidade” para aqueles menos favorecidos. Assim, conforme a tese nietzschiana, tornou-se a filosofia e todas as demais formas de *gnósi* um asceticismo em alto

grau, “niilismo”, na medida em que foram influenciadas pelo ideal ascético e o filósofo vai, pouco a pouco, negando a si e a aparência que é a vida (GM I, 12).

Por isso, Nietzsche escreveu que alçado por essa “potência alheia”, o ideal ascético, Tales inaugura a filosofia e, ao mesmo tempo, o limite que a separa da “prudência” (FTG 3). Essa potência externa nada mais é do que a crença na verdade e na possibilidade de contemplá-la pela filosofia, ou conforme se dirá posteriormente, a crença na existência de um “Ser” que iguala todos em uma unidade. O início do afastamento do filósofo de si e de seu mundo é também o início de sua decadência, que ele não saberá, ao menos por um momento, em que se encontra. Segundo Nietzsche o que marcou profundamente o desenvolvimento na Grécia antiga da filosofia como forma de representação do mundo foi o equilíbrio entre os dois impulsos contrários: o dionisíaco, ligado a aparência, ao lado cruel da vida, a tragédia e a música, e o apolíneo, ligado a verdade, a filosofia e a ciência. A tese nietzschiana é que as vitalidades da cultura e do grego se deram ao desenvolvimento de ambos os impulsos, e o adoecimento das mesmas sobreveio ao advento do homem racional, com Sócrates. Pelo menos, pondera Nietzsche, o filosofar de Tales e dos demais filósofos pré-socráticos “tem ainda o seu valor” pois, apesar de se desenvolverem em busca de uma verdade, souberam também considerar de maneira consciente a aparência em suas formas de explicação e representação. Certamente a água é física e ela serviu como uma imagem falsa para representar o *arkhé* da *phýsis*. Foi Sócrates quem pôs fim à consciência da aparência na *epistème*. Seu erro foi não ter percebido que o discurso filosófico apenas comunicava uma imagem falsa. Assim como no drama, em que o ator desde sempre deve ser consciente que a realidade que está representando pelos gestos e pela fala é falsa, de maneira que possamos dizer que desde o início o ator reconhece uma certa limitação em relação a sua representação aparente do mundo: reconhece a aparência ou as imagens falsas pelos seus gestos. O ator dramático, o filósofo contemplativo, o cientista experimental, o sujeito da moral, o pregador religioso, todos que desejam representar quer uma parte quer o todo da vida devem reconhecer-se como simuladores, não como os porta vozes da verdade sobre o mundo. Esse é o ponto fundamental que está por trás do elogio nietzschiano aos filósofos pré-socráticos. Segundo Nietzsche os filósofos pré-socráticos foram os únicos que souberam considerar o equilíbrio dos princípios apolíneo e dionisíaco nas suas formas de representação e explicação do mundo, e que Sócrates inaugurou o cientista ou teórico da verdade que possui a vontade de verdade e, conseqüentemente, de negação da aparência. Foi a partir de Sócrates que se começou a valorizar a verdade como racional e alcançável. Entretanto, o “filosofar indemonstrável” de Tales tem ainda o seu valor “em pretender ser em todo caso não místico e não alegórico” (FTG 3). É somente por essa razão que Nietzsche elogia a filosofia nascente de Tales. Em Tales também havia uma certa aptidão para o conhecimento, para a verdade, mas ele expôs suas ideias a partir da compreensão da matéria, ou mais exatamente do úmido e graças a indução se tornou o primeiro físico do ocidente. Há um certo equilíbrio em Tales com a hipótese da água, assim como em todos os pré-socráticos que utilizam uma imagem física e aparente para representar o mundo. A ação do filósofo está completamente influenciada pelo que ele observa da *phýsis* e, se estiver influenciado pelos valores da sociedade comum, então o filósofo não

será livre em suas formas de representação porque estará sempre no rasto do ideal ascético, sua ação será essencialmente uma reação.

CONCLUSÃO

Nietzsche é um filósofo do século XIX que tem muito a acrescentar aos debates da filosofia da ciência no século XXI, na medida em que a filosofia da ciência no século XXI está preocupada em debater o papel da aparência para a construção de representações sobre o mundo conforme os estudos da filosofia da ficção.⁹ É interessante notar que apesar de apresentar contribuições significativas para a filosofia da ficção, como a teoria da aparência conscientemente intencionada e a crítica ao valor de verdade, Nietzsche ainda é um filósofo pouco mencionado. Aliás, boa parte das ideias acerca do valor dos modelos científicos em representar o mundo são ideias que podem ser encontradas já em Nietzsche, embora de uma maneira não explícita. Ao consultar as ideias nietzschianas, o filósofo da ciência deve refletir se a atitude do filósofo pressupõe certa dignidade ao filósofo, que deve ser livre no agir, quando escolhe colocar a si próprio como princípio de sua ação. Assim, na construção de suas imagens sobre o mundo ele precisa ter a *consciência* do artista, e enxergar que somente há valor na aparência e que, portanto, suas imagens sobre o mundo não são realmente correspondentes, mais necessariamente falsas. Por outro lado, quando o filósofo pressupõe a existência de uma verdade alheia e que existe uma coisa chamada de conhecimento ele esquece de si como um inventor de imagens falsas sobre a *phýsis* e passa a seguir o padrão do cientista teórico, aquele cujo trabalho é desenvolvido para a reprodução do ideal ascético. A pergunta sobre quem é o filósofo necessariamente remonta a uma pergunta sobre o agir do filósofo, pois é pela ação que o filósofo pode ser livre e pela criatividade construir suas imagens falsas sobre o mundo.

O filósofo que pressupõe sua fé na metafísica, como Tales, afirma, por isso mesmo, sua fé em algo distinto de si mesmo. Mas, ao menos, Tales soube dosar entre a aparência e a verdade e considerar uma substância física para intuir o mundo. Isso é elogiável na postura de Tales. Mas, Tales ainda permaneceu acreditando no conhecimento e na verdade, sua atitude não é de todo *livre*. Somente ao se desprender dos valores universais o filósofo pode se autocriar, se remediar contra as potências externas e efetivamente tornar a filosofia um saber para a aparência.

REFERÊNCIAS

BRUNI, J. C. A água e a vida. *Tempo Social: rev. sociol. USP, São Paulo*, v. 5, n. 1-2, p. 53-65, 1993 [editado em nov. 1994]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ts.v5i1/2.84942>. Acesso em: 29 ago. 2023.

⁹ Trata-se do debate ainda em curso da modelagem científica sobre o valor das representações do mundo através de modelos científicos, como nos casos de partículas inobserváveis, como os elétrons e as ondas eletromagnéticas. Para maiores detalhes sobre o valor dos modelos científicos para a representação do mundo ver Suárez (2009), Hughes (2009) e Elgin (2022).

- CAMILO, B. C. A representação científica a partir das "Analogias da experiência" de Kant. *Kant E-Prints*, Campinas, v. 17, n. 3, p. 132-141, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/kant.v17i3.8673619>. Acesso em: 05 set. 2023.
- COSTA, A. L. F. Nietzsche e a relação entre arte, ciência e filosofia dos escritos de juventude até Humano demasiado humano. *Cad. Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v. 42, n. 3, p. 89-113, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-82422021v4203alfc>. Acesso em: 26 set. 2023.
- ELGIN, C. Z. Models as felicitous falsehoods. *Principia*, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 7-23, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1808-1711.2022.e84576>. Acesso em: 28 set. 2023.
- FREZZATTI JR., W. A. Nietzsche e a ciência: um ensaio sob a perspectiva da relação entre ciência, metafísica e arte. *Estudos Nietzsche*, Vitória, v. 9, n. 2, p. 102-115, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/estudosnietzsche/article/view/18451>. Acesso em: 26 set. 2023.
- HUGHES, R. I. G. Models and representations. *PSA 1996*, Chicago, v. 2, p. S325-36, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/392611>. Acesso em: 28 set. 2023.
- NIETZSCHE, F. W. A filosofia na época trágica dos gregos (1873). In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 10-12. (Os pensadores; 32).
- NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (Textos Filosóficos).
- NIETZSCHE, F. W. Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral (1873). In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 51-60. (Os pensadores; 32).
- SUÁREZ, M. Scientific fictions as rules of inference. In: SUÁREZ, M. *Fictions in sci-ence: philosophical essays on modeling and idealization*. Nova York: Routledge, 2009. p.158-78.